



Uma linda mulher

ROBERTO RODRIGUES

A medida que o sol matinal ia rompendo as fibras da cortina de rami, e o quarto perfumado de alfazema se iluminava, ela foi despertando. Espreguiçou-se, melida no seu minipijama de seda, chutou o lençol de linho para fora da cama e acariciou o rosto com o travesseiro de paina. E aspirou, voluptuosa, o aroma da macolinha do campo que dele se desprendia.

Bem acordada, no último minuto antes de se levantar do colchão de penas, lembrou uma vez mais do sofrimento do pai, agricultor afogado em dívidas corrigidas pela TR, porque tomara empréstimos antes do Plano Real, e agora não havia como saldar seus compromissos: o valor da dívida havia crescido muito mais do que a valorização da produção e apesar de ter gerado empregos, produção e riqueza para o país, estava quebrado.

"É injusto", ela pensou, e se lembrou que o rami da cortina, a alfazema e a macolinha, a paina, a seda, o linho e as penas haviam sido produzidos por agricultores, e ninguém se lembrava disso. Levantou-se, escovou os dentes com pasta mentolada ("porque alguém plantou hortelã", pensou) e se vestiu. Quando entrou na *jeans* apertadinha, veio-lhe à mente que só o fazia porque alguém havia plantado algodão, criando empregos, em fiações e tecelagens, para costureiras e vendedores de lojas de roupas.

Calçou o sapatinho de couro preto ("ah, se não houvesse pasto e boi, não haveria este sapato, nem a bolsa, nem o cinto, nem carteiras, casacos e botas..."), vestiu o pulôver fininho ("queridas ovelhas..."), pintou-se e perfumou-se ("ainda bem que alguém planta flores para fazer perfumes e sabonetes...") e desceu as escadas.

Leu os jornais da manhã ("viva os agricultores que plantam árvores para fazer papel, dando empregos em gráficas, editoras, livrarias, papelarias e bancas!"), enquanto tomava seu desjejum: pão ("viva os plantadores de trigo!") com manteiga ("salve o pecuarista de leite!"), geléia ("grandes fruticultores!") e café ("eta, heróis brasileiros que abriram este país!") e saiu.

Entrou no carro e deu a partida. Sorriu ao se lembrar de que o carro só andava porque tinha pneus de borracha, graças aos seringueiros; era movido a álcool, graças aos canavieiros. E foi trabalhar.

No escritório, viu que tudo ali vinha do campo: os tacos de imbuia, os móveis de mogno, o forro de ipê (pensou nas vigas e terças de peroba) e todos os documentos escritos. Os bancos de couro e a agenda de capa de couro de cabrito, tudo, tudo, tinha origem rural. Entristeceu-se ao perceber que todos os empregos nas indústrias que produzem esses artigos só existem por causa dos agricultores, assim como as próprias indústrias e as lojas que vendem os pro-

dutores — e os empregos dos vendedores. E até os empregos dos funcionários das agências de propaganda que os anunciam.

"E ninguém valoriza a agricultura. Ao contrário, esses alienados das cidades esnobam o agricultor."

Trabalhou a manhã toda, falou com seus clientes da indústria de alimentos que queria importar matéria-prima porque era mais barata do que a nacional, sem considerar que isso só acontece porque seus produtores são subsidiados, estimulados e protegidos em seus países de origem. E pagam lá juros decentes, impostos razoáveis e contam com eficiente logística e infra-estrutura. Tentou argumentar com as indústrias: "exportamos impostos e importamos subsídios!" Mas não conseguiu convencê-los, exceto o pessoal da fábrica de camisas, que achava necessário voltar a produzir algodão no país, porque a concorrência já estava trazendo camisa pronta da China.

Foi almoçar com o chefe e todo o tempo discorreu sobre os empregos gerados pelos agricultores na cidade, com seu esforço anônimo. "Afinal", disse, "este restaurante tem cozinheiros para preparar a comida para nós. Mas, como fazer esta panqueca sem ovos? Ninguém aqui se lembra da galinha e da imensa tarefa que é transformar milho em ovo, ovo em panqueca, frita em óleo de soja. Quase brigou com o chefe quando ele a acusou de defender os agricultores, 'estes incompetentes e caloteiros...' Ficou louca da vida, argumentando que o governo provocara o calote com o descasamento, mas o ambiente ficou pesado entre ambos.

Para agradá-la, o chefe, no meio da tarde, levou-lhe uma caixa de bombons. Ela não perdeu a chance: "Quem sabe você se arrependeu e resolveu me dar bombons para premiar o esforço daqueles desesperados cacaicultores baianos que vivem enfrentando bruxas e suas vassouras." O chefe riu sem entender nada e saiu, acendendo

seu cigarrinho de papel, esquecido dos produtores de fumo.

No fim do dia, cansada, foi com alguns amigos a um barzinho conhecido, para uma *happy hour* com música ao vivo. Pediram cerveja e salgadinhos.

Um pouco provocativa, ela disse: "Estamos aqui graças ao pessoal de Guarapuava. É isso mesmo. Não fossem os produtores de cevada, não haveria cerveja. Nem fábricas de cerveja, de garrafas, de latinhas, de caixas de cervejas, de tampas e rótulos de cerveja. E sem essas fábricas, quantos empregos deixariam de existir? Já pensaram? Quanta gente tem emprego só porque tem uns apaixonados por cevada que plantam com juros extorsivos, sem seguro nenhum, pagando impostos criminosos, enquanto seus concorrentes de outros países são altamente subsidiados." Ia começar um bombardeio de perguntas quando o conjunto começou a tocar *Carinhoso*. Era um piano, um violino, o contrabaixo e a bateria.

E ela não deixou por menos: "Não fossem os agricultores, de onde se ia tirar madeira para fazer o piano, o violino e o contrabaixo? E a corda do arco do violino, que é feita de crina de cavalo? E o couro dos instrumentos da bateria?" E exultou: "Esses babacas não sabem que só vivem graças aos agricultores. Pensam que os agricultores têm o dever de produzir comida barata, nada mais. Esquecem que são esses heróis quebrados que limpam o CO₂ jogado na atmosfera pelos carros e indústrias da cidade; que são eles que conservam o solo e assim garantem o maior patrimônio da nação, ajudam a conservar a água e a preservar a biodiversidade. Não sabem de nada. Nem o governo, que confunde produção com abastecimento."

E, um pouco aborrecida, triste com seus pensamentos, foi para casa dormir, sonhar, como o pai, com o ano novo: "Vai melhorar, se Deus quiser."